



# Clipping Report

Maio – 2009

Município



Título	Meio	Canal	Data	Imag.	Art.	Tipo	Qual.
Inovar para Sobreviver	Jornal de Negócios	P	28/05/2009	S	CS	Dir.	P

**Legenda:**

**Canal:** O – Online; P – Papel; TV – Televisão; R – Rádio

**Artigo:** N – Notícia; D – Dossier; E – Entrevista; AO – Artigo de Opinião; CS – Caso de Sucesso; AP – Análise de Produto/Solução; EV – Evento; LP – Lançamento de Produto

**Qualidade:** P – Positiva; N – Neutra; Ng - Negativa

## Capa

# Inovar para sobreviver

Apostar na inovação é um caminho inevitável para as empresas, encarada como um investimento para o futuro numa época de crise. E a alternativa passa por recorrer a programas de apoio à inovação disponíveis em Portugal, mas também ao nível europeu. Três empresas mostram que a aposta vale a pena, mesmo que, à partida, o processo possa parecer desencorajador.

POR BLANCA COSTA/WESTEND

■ ■ ■ ■ A Microfil nasceu em 1995 com a missão de inovar. Mas a missão para garantir grandes volumes de documentos despendeu muita em despesa com a digitalização. Não foi por isso que a empresa desistiu.

Mais de 20 anos depois, a história da Microfil é de inovação. Passou pela digitalização e pela gestão documental da imagem digital até que foi decidida criar um gabinete de desenvolvimento de "softwares". A empresa foi evoluindo à medida das necessidades dos clientes e, hoje, define-se como uma firma que desenvolve sistemas de informação à medida.

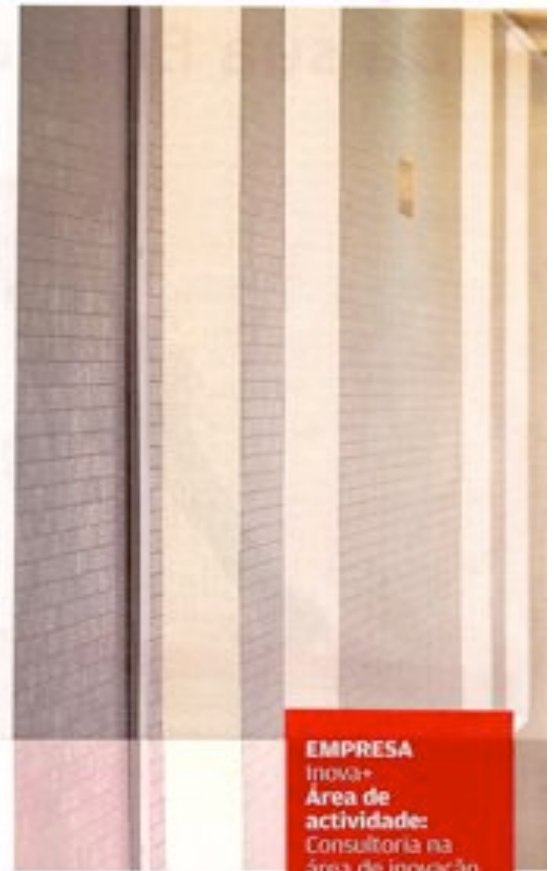
"Procurámos sempre inovar, só assim se explica que tenhamos

subsidiário", afirma João Abrantes, assessor de administração com a responsabilidade das áreas de inovação e internacionalização da Microfil. Para chegar lá, a empresa recorreu à ajuda de programas de apoio à inovação e, agora, os seus responsáveis reconhecem que este foi a melhor aposta que poderiam ter feito.

A Microfil começou pelos programas nacionais criados a partir dos fundos comunitários, com o Quadro Comunitário de Apoio III, a já鬼神os candidaturas ao actual Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN). Depois, chegou a ser mais alto e recorrer a financiamentos a um nível europeu, recorrendo ao último programa-quadro de Inovação e Desenvolvimento Económico

da Comissão Europeia. Este é, em si, o percurso pelo qual passam as empresas que querem recorrer a financiamento para a inovação, começando pelas ajudas de âmbito nacional e partem depois para o nível europeu.

As empresas fazem primeiro a parte do QREN. Essa é a expressão da Inova+, uma consultoria especializada na prestação de gestão de projectos de inovação. Segundo o Porto, recebe pedidos de empresas para se qualificar e inscrever no QREN, mas para participar no último programa-quadro da Comissão Europeia, a Inova+ tem de ter um papel mais pedagógico. "Há falta de conhecimento e há mitos de que é difícil participar e aceder aos fundos", explica Paula Galvão, directora do departamento



**EMPRESA**  
Inova+  
**Área de actividade:**  
Consultoria na área de inovação  
**Ano Criação:**  
1997  
**Nº de colaboradores:**  
30  
**Volume de negócios 2008:**  
1,5 milhões de euros, apenas em Portugal

de Cooperação Internacional da Inova+, esclarecendo que há várias opções que ajudam as empresas a participar. É preciso que as empresas queiram ir à procura da informação.

Diz que a taxa de participação de Portugal no último programa-quadro não seja ainda satisfatória. "Tem vindo a aumentar progressivamente, mas ainda não é satisfatória", diz Miguel Sousa, director-geral da Inova+, explicando que, nos últimos anos, os custos que representam a preparação de uma candidatura e as despesas associadas acabam por detetar os possíveis candidatos. Adianta que, no âmbito do QREN, foi criado um sistema de incentivos, previamente para ajudar as empresas que se queiram candidatar a pro-



## A ganhar com a inovação

A Inova+ define-se como uma consultora especializada na promoção e gestão de projectos de inovação. Presta serviços de consultoria, gestão de projectos e formação, com o objectivo de dinamizar o ciclo de inovação e gestão do conhecimento nas empresas, e apoiar a participação em programas nacionais de incentivo à Investigação e Desenvolvimento (I&D) e em projectos da Comissão Europeia. Criada em 1991, nos primeiros anos de vida a empresa dependia em grande parte dos projectos europeus e dos contratos com a Comissão Europeia. Até 2005, estes projectos constituíam mesmo cerca de 80% do volume de negócios da empresa. Ainda hoje há uma forte ligação às instituições europeias e isso deve-se à experiência profissional do fundador, Eurico Neves, que trabalhou nas instituições europeias durante vários anos e que é, neste momento, o CEO da Inova+. Com uma carreira ligada à inovação, escreve livros sobre a área e trabalhou na concepção e gestão do programa "Innovation" da Comissão Europeia, tendo ainda participado na elaboração do Livro Verde de Inovação. Com sede no Porto, a Inova+ tem escritórios em Lisboa, contando com cerca de 30 colaboradores em Portugal, mas tem ainda escritórios em Bruxelas, Luxemburgo, República Checa, Polónia e em Itália. Instalando um universo de mais de 150 colaboradores, entre os projectos da empresa, destacam-se o facto de ser Point de Contacto Nacional em Portugal para o 7º Programa-Quadro de Investigação & Desenvolvimento Tecnológico da Comissão Europeia, por nomeação da Fundação de Ciência e Tecnologia, representa Portugal no Enterprise Policy Group - Business Chamber da Comissão Europeia, um órgão de aconselhamento do vice-presidente da Comissão, Günther Verheugen e desenhava estudos para agências europeias de inovação, incluindo a própria Comissão Europeia. Foi seleccionada, pelo Parlamento Europeu, como fornecedora de serviços especializados em regulamentos e políticas nos campos da indústria, telecomunicações, investigação e desenvolvimento tecnológico, energia e políticas ambientais.

jectos de inovação europeia a suportarem as despesas, mas que esse concurso ainda não se estreou. "Desde o início, em 2006, até 2009 perdemos três anos de participação europeia e o QREN não estimulou as empresas a participarem no sétimo Quadro", lamenta.

### Só ou acompanhada?

Por experiência própria, João Melo, da Munitopia, sabe que é difícil uma empresa alcançar sozinho para concursos. A Munitopia tentou faz-lo por si própria, sem sucesso. "Procuramos ajuda de uma empresa especializada porque precisamos de estar concentrados no componente técnico e não nos podemos dispensar nas questões administrativas do processo", explica o responsável pela área de Sistemas

de Informação, onde se integra o núcleo de investigação científica da Munitopia.

A Contactus é outra empresa de sistemas de informação com experiência no nível de programas de inovação, apesar de admitir as dificuldades ao nível do volume de informação necessária e falta de registos históricos de alguns dados para apresentação de candidaturas, reconhece uma série de vantagens. Entre estas, Rui Guerreiro, membro da equipa de gestão responsável pela estratégia de inovação, aponta "os contactos e ligações a empresas e instituições de países europeus por via das candidaturas a programas comunitários que podem trazer mais valor numa óptica de internacionalização da actividade."

Processar informação e recursos

a ajuda externa não chega, segundo João Abrantes, da Microfil. "É preciso definir a própria estratégia de inovação e o próprio modelo de negócio e, depois, ir à procura dos incentivos adequados."

Da experiência de vários anos a ajudar empresas a concorrer a programas de inovação, a Inova+ acrescenta que "é preciso pensar a inovação como uma estratégia", segundo as palavras de Paula Gabriel. O segredo está em não olhar para o financiamento como uma oportunidade isolada, mas em definir uma estratégia de inovação coerente com a estratégia geral da empresa, afirma. Se não há mais candidaturas ou programas trazem não é por falta de oportunidades, acrescenta Miguel Sousa, o que não há é "massa crítica nacional para a submissão de propostas".

Trazer uma estratégia, pensar em novos produtos e serviços, novos processos de produção ou em novas actividades de "marketing" e comunicação são formas de inovar que geram importância numa altura de crise económica. "Não é hora de recuar, vale a pena os custos. A inovação tem de ser vista como um investimento que proporciona retorno no futuro", diz João Abrantes. "Se não fosse assim, a Microfil já tinha fechado."

E muitas empresas parecem já ter percebido que a saída passa pela inovação. Prova de que é assim, a Inova+ diz que 2008 foi o seu melhor ano de sempre. "Mostra a necessidade que as empresas têm de inovar e de estar mais bem preparadas."

**EMPRESA**  
Municipia  
**Área**  
**de actividade:**  
cartografia  
e sistemas  
de informação  
**Ano de criação:**  
1999  
**Nº de**  
**colaboradores:**  
50  
**Volume de**  
**negócios 2008:**  
3,5 milhões euros



## Levar a tecnologia à cartografia

Os clientes da Municipia são, sobretudo, do sector público, autarquias à cabeça, ou não tivesse a empresa nascido de um núcleo de trabalhadores de uma autarquia. O fundador da empresa e actual presidente do conselho de administração, António Fernandes, era um dos elementos do gabinete de estudos da Câmara Municipal de Oeiras, que tinha em mãos um dos sistemas de informação geográfica mais desenvolvidos do país. Era por isso que muitas autarquias de outros pontos do país lhe vinham bater à porta. E foi aí que surgiu a ideia de criar a Municipia. Empresa de cartografia e sistemas de informação geográfica, foi da inovação uma palavra-chave da negócios. Investiram não só em equipamento - em 2008 fizeram um investimento de um milhão de euros para a compra de uma câmara fotográfica digital que

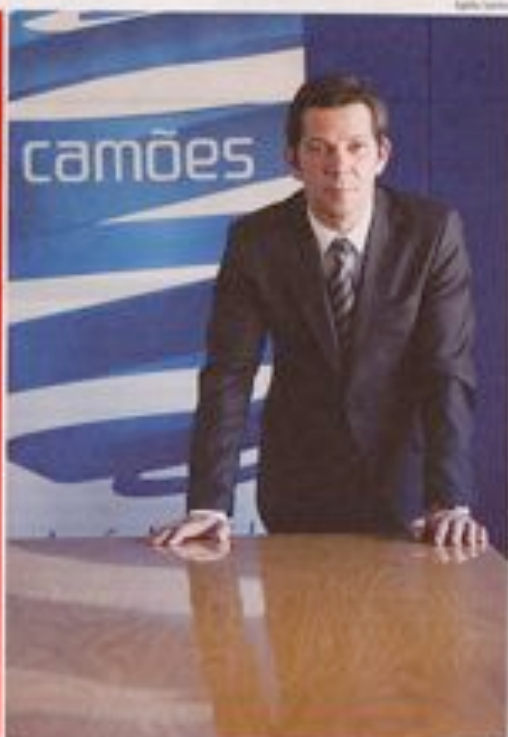
faz fotografia aérea - mas também na procura de produtos e serviços que correspondem às necessidades do mercado, explica João Melo, responsável pela área de Sistemas de Informação onde se integrou o núcleo de investigação científica da empresa, um núcleo de investigação tecnológica criado em 2007 através da candidatura ao programa Naveg, sabendo que os programas de apoio são instrumentos importantes para avançar no caminho da inovação e estão agora a preparar a candidatura a um projecto europeu chamado Nélson, para criar uma infra-estrutura de dados espaciais de âmbito local para actuarlos com base em "softwares" abertos. São os coordenadores deste projecto que conta com a participação, por exemplo, de uma universidade espanhola, duas Pstt da Hungria e uma autarquia da Holanda.

## Inovar para sobreviver

A actividade que baptizou a Microfil, a microfotografia, há muito que caiu em desuso. Mas, mais de 20 anos depois, a empresa continua a existir, o que prova a necessidade de inovar para sobreviver. Depois de várias fases, que foram da digitalização à gestão documental da imagem digital, a Microfil define-se hoje como uma empresa que desenvolve sistemas de informação à medida. "É uma empresa pequena, com várias áreas de negócio que se completam de acordo com as necessidades dos clientes", define João Abrantes, gestor da administração com a responsabilidade pelas áreas de inovação e internacionalização. A empresa criou um gabinete de inovação, transformou a sua estratégia transversal a toda a empresa e tem aproveitado vários programas. Na empresa trabalham três jovens que chegaram ao abrigo do programa nov. Jovem e Men

aportado nos fundos comunitários. No âmbito do QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional) venceram uma candidatura no concurso "Núcleo de I&D+i" e vão criar um departamento próprio para I&D+i. Viram também ser aprovada a candidatura ao abrigo do concurso "Qualificação e Internacionalização", que lhes permitirá participar em feiras internacionais ou realizar missões empresariais ao estrangeiro, por exemplo. E já estão a pensar dar o passo para as candidaturas mais difíceis do sistema Programa-Quadro da Comissão Europeia para a inovação. A prova de que a aposta na inovação está a dar resultados é a "Plataforma Camões", o produto lançado este ano pelo ministro da Educação em duas versões-piloto e que permite uma integração entre o quadro interactivo, os computadores dos alunos, os computadores dos professores e arquivos locais.

**EMPRESA**  
Microfil  
**Área de**  
**actividade:**  
Sistemas  
de Informação  
**Ano de criação:**  
1985  
**Nº de**  
**colaboradores:**  
70  
**Volume de**  
**negócios 2008:**  
4 milhões  
de euros





**EMPRESA**  
**Contactus**  
**Área de**  
**actividades:**  
 Tecnologias  
 de Informação  
**Ano de criação:**  
 1995  
**Nº de**  
**colaboradores:**  
 24  
**Volume de**  
**negócios 2008:**  
 1,17 milhões  
 de euros

## A aposta nos colaboradores

A experiência de trabalho na Administração Pública, desenvolvendo aplicações financeiras e de recursos humanos, fez despertar a atenção dos fundadores da Contactus para a necessidade de inovar ao nível dos sistemas de informação. Criaram a Contactus, em 1995, uma empresa de consultoria em Sistemas de Informação que desenvolve soluções integradas para empresas na área das tecnologias da informação. Tem clientes na Administração Pública, mas também nas telecomunicações, na banca e nos seguros e define a inovação como "a mota impulsionadora da evolução da empresa" pois tem permitido o desenvolvimento dos conhecimentos e capacidades dos colaboradores, o alargamento da base de produtos e serviços e, consequentemente, a satisfação e fidelização dos clientes. explica Rui Guerreiro, membro da equipa de gestão responsável pela estratégia de inovação Contactus. Criaram, por exemplo, o Laboratório de

ideias para fomentar a criatividade e o empreendedorismo dos colaboradores e até o desenvolvimento de projectos pessoais. Os programas de apoio à inovação têm sido um instrumento precioso. Já venceram duas candidaturas no âmbito do QREN, uma para criação de um Núcleo de I&D+I e outra para a transformação do conhecimento e competências tecnológicas, adquiridos por via da investigação e desenvolvimento tecnológico (I&D+I), em novos produtos com actuação no mercado. Também avançaram para os concursos de nível europeu, mas aí ainda aguardam aprovação. Num caso, coordenam um projecto para a criação de um sistema de informação de suporte à medição e integração da responsabilidade social das organizações na sua actividade e outros participam num consórcio que quer criar um novo sistema de alta segurança para dados sensíveis que circulem em redes públicas ou privadas, envolvendo "hardware" e "software".

## Apoios cobrem totalidade dos custos

A participação de Portugal no Programa-Quadro de Investigação & Desenvolvimento Tecnológico da Comissão Europeia é ainda modesta.

### Que é?

É um programa da Comissão Europeia, existe desde 1984, e vai na sétima edição. Desta vez a vigiar entre 2006 e 2013, tem como objectivo principal tornar a União Europeia uma região líder na área da investigação e Desenvolvimento Tecnológico (I&D+I), uma das metas para tornar a Europa numa sociedade e numa economia baseada no conhecimento. A regra é a de apoiar os projectos a 100%, num financiamento que se pode estender por um período até dois a três anos. O sétimo Plano-Quadro disponibiliza, no total, 52 mil milhões de euros.

### Qual a participação portuguesa?

A participação nacional tem vindo a melhorar, mas ainda é considerada insuficiente. Segundo dados relativos à execução do programa em 2007 a participação portuguesa já revela melhorias em relação ao anterior Plano-Quadro. No entanto, "ainda se encontra aquém das expectativas", entende a Inovar. O sétimo Quadro-Plano é bastante competitivo e as instituições portuguesas, na generalidade, não estão a conseguir financiamento igual ou superior à participação portuguesa para

o Programa (que é de 25% do PIB, considerado o objectivo mínimo pretendido). E, por regra, são as universidades que puxam pela participação das empresas.

### Em que lugar está Portugal na apresentação de candidaturas?

Portugal encontrava-se na 18ª posição no "ranking" de candidaturas submetidas e valor de pedidos de financiamento ao sétimo Plano-Quadro, entre os 27 países membros da União Europeia. Cada instituição portuguesa que viu a sua candidatura aprovada recebeu, em média, um financiamento de aproximadamente 700 mil euros. Quando analisado a taxa de sucesso das candidaturas submetidas ao sétimo Plano-Quadro, Portugal encontra-se na 18ª posição no "ranking" da Europa a 27.

### Quais as áreas do programa com maior participação?

- Nanotecnologias, nanobiotecnologias, materiais e novas tecnologias de produção;
- Tecnologias de informação e comunicação;
- Ambiente;
- Energia;
- Transportes.

Fonte: inovar em <http://www.inovar.gov.pt>

## O QREN pode dar uma ajuda?

O Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), em vigor no período de 2006 a 2013, é uma das portas de acesso a programas de inovação para as empresas nacionais. No balaço global para as empresas, há um total de 5,1 mil milhões de euros entre financiamento público e

privado para gastar em sete anos, através do Programa Operacional Factores de Competitividade, com a maior fatia a caber ao Eo II, para a Inovação e Reconhecimento do Modelo Empresarial e do Padrão de Especialização.

Fonte: inovar em

[www.inovar.gov.pt](http://www.inovar.gov.pt) e [www.qren.gov.pt](http://www.qren.gov.pt)